

REFLEXÕES SOBRE A HOMOAFETIVIDADE POR LÍDERES RELIGIOSOS EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS.

Daiane Alves Vieira Figueiredo*

Fernanda de Paula Carvalho**

RESUMO

A homoafetividade bem como a sexualidade está presente nos discursos religiosos, em especial de pastores evangélicos com grande popularidade, ultrapassando o espaço da religião e entrando em diversificados espaços, como o do direito, da política, bem como influenciam a vida de seus seguidores. O presente estudo teve como objetivo analisar o conteúdo sobre homossexualidade das falas de pastores que ocupam posições de porta-vozes da religião evangélica pentecostal e neopentecostal, a partir de vídeos de grande repercussão na rede social *You Tube*. Para tanto foram transcritos os seus discursos à população, descrevendo os seus posicionamentos sobre a homoafetividade e estes analisados, com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Bardin (1977). O segmento religioso escolhido deve-se ao número significativo de seguidores e a grande repercussão que estas religiões têm no âmbito político, social e cultural dos brasileiros. Foi identificado nos discursos dos pastores, o posicionamento de trazerem dados considerados verdade e conhecimento, além de se sentirem os representantes dos fiéis evangélicos da sociedade, como também não se identificarem homofóbicos em seus discursos e sim exercendo o seu direito de opinar garantido pela lei.

Palavras-chave: Homoafetividade. Religião. Discursos.

ABSTRACT

Homoaffectivity as well as sexuality is present in religious discourses, especially of protestant pastors with great popularity, expanding the religion field and entering multiple aspects, such as law, politics, as well as influencing their followers lives. This study aimed to analyze the content words about homosexuality used by pastors who occupy spokesperson positions of Pentecostal and neopentecostal protestant religions, from videos with great views on the social network, YouTube. Therefore, their speeches were transcribed to the population, expressing their opinions on homoaffectivity and data were analyzed, based on the theoretical and methodological assumptions of Bardin (1977). The religious segment chosen is due to the significant number of followers and the great influence that these religions have in the political, social and cultural sphere of Brazilians. It was identified in pastors' speeches, the aspect of sharing data considered truth and knowledge, in addition to feeling representatives of faithful protestants from society, as well as not identifying themselves as homophobic in their speeches but exercising their right of opinion guaranteed by law.

Keywords: Homoaffectivity. Religion. Speeches.

*Graduanda em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida (FCV).

E-mail: daianealvesvf@hotmail.com

**Psicóloga, Mestre em Psicologia Social (UFMG) e Especialista em Políticas Públicas (UFMG), docente na Faculdade Ciências da Vida (FCV).

E-mail: nanda_depaula@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

As religiões constroem concepções, determinam regras para socialização e ordenação da sociedade, sugestionando seus adeptos inclusive às recomendações para as vivências cotidianas. Tais concepções dizem respeito também às experiências coletivas, à sexualidade e a práticas sexuais (SILVA, PAIVA; PARKER, 2013). Se as práticas religiosas atualmente no Brasil são um domínio influente nas organizações sociais, seus princípios, suas colocações e exercício na área da sexualidade instigam as experiências e a direção da sexualidade e do gênero, escolhido pelas autoridades religiosas, como conteúdo de argumentação e padronização negativa, também sobre conteúdos de aborto e de homossexualidades (FERNANDES, 2011; GROSSI, 2012).

Apesar dos avanços no campo dos Direitos Humanos e da Constituição, verifica-se ainda uma resistência quanto à homoafetividade em se tratando do espaço religioso, nisto veio o questionamento: o que contém nas falas dos líderes religiosos do segmento evangélico pentecostal e neopentecostal sobre a homoafetividade? Discussão que gera uma série de pressupostos a respeito como: percepções pessoais e adquiridas, disseminadas nestas ideias; representantes de verdades e do conhecimento sobre todas as coisas; a desejabilidade de padrão social de normalidade, pela heteronormatividade; demonstração de diferentes formas de preconceitos tanto sutis como escancarados, compreendidos por estes como forma de expressão; levando a não aceitação das orientações sexuais ou diferentes formas de se relacionar.

As reproduções sobre a homoafetividade através das falas de líderes religiosos evangélicos neopentecostais e pentecostais é um elemento central para este estudo. Portanto, inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, com a finalidade de pesquisar e compreender sobre a religião evangélica e seus segmentos, assim como sobre os temas sexualidade, homossexualidade e direitos. Seguiu-se com a descrição da fala de líderes religiosos evangélicos pentecostais e neopentecostais influentes e conhecidos acerca da homoafetividade, assim como a identificação das características destes discursos religiosos, através de meios de comunicação.

A seguinte pesquisa justifica-se devido as religiões fazerem parte da vida do ser humano, das suas relações e do seu desenvolvimento biopsicossocial. Nesse

sentido torna-se importante compreender como líderes religiosos dos segmentos evangélicos pentecostal e neopentecostal compreendem e repassam suas concepções acerca da homoafetividade. O tema tem relevância social e teórica visto que as falas religiosas ultrapassam o espaço da religião e entram em diversificados espaços, como o do direito e da política, bem como influenciam um significativo número de seguidores em suas vidas particulares. Destaca-se também a possibilidade de contribuir para a reflexão sobre o tema a se pensar nas diferentes formas de preconceito e demais violências vivenciadas por homossexuais ainda nos tempos atuais.

Os resultados adquiridos da pesquisa vieram de encontro aos pressupostos e foram identificados nas seguintes categorias: (a) “Eu apresento dados que são verdade e vindos do conhecimento”, que mostra a influência dos líderes religiosos evangélicos, que faz as pessoas não questionarem seus posicionamentos e os considerarem entendedores do conhecimento e de uma verdade única; (b) “Representantes dos fiéis evangélicos da sociedade”, considerados sabedores de conhecimentos variados e representantes de pessoas que concordam com suas ideias e (c) “Não é homofobia”, é livre expressão de opinião”, que mostra nas falas a aversão quanto a homoafetividade, sendo mencionada por diversos nomes e sentidos pejorativos, expressando discriminação e preconceito, mas que se justificam, como livre arbítrio e forma de expressar suas opiniões, o que é garantido por lei.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Sexualidade e a Homoafetividade

Durante o século XIX, estabeleceu-se o que Foucault passou a caracterizar como dispositivo da sexualidade. De acordo com o autor: a sexualidade é o termo que pode ser usado como mecanismo histórico. A sexualidade no decorrer de todo o século XIX fez parte de dois tipos de registros diferentes: um estudo da vida reprodutiva seguindo uma ordem científica comum, e uma medicina da sexualidade que seguem determinadas causas integrais variadas. Nesta direção, o discurso sobre sexualidade há três séculos, dispõe a se ampliar em vez de diminuir, e mesmo os bloqueios e negações, proporcionaram relevantemente a consolidação e a

introdução de toda uma diversidade sexual. De tanto se falar em sexo e mostrá-lo restrito, categorizado e estabelecido, mais ele se fez presente no discurso e na vida das pessoas (FOUCAULT, 1988).

As abordagens de estruturação social assumem o posicionamento de que as práticas sexuais físicas iguais conseguem ter diversificada interpretação social e variável definição individual, conforme elas são estabelecidas e entendidas em diferentes contextos históricos e distintas culturas. Certo que uma prática sexual não constitui uma definição social absoluta, conduz-se que em relação às práticas sexuais e identidades sexuais não há correlação estática e planejada. As culturas apresentam classes, estratégias e estereótipos distintos para rotular vivências afetivas e sexuais. A ligação entre a ação e a identidade sexual, por um lado, e a agrupamento sexual, de outro, é identificadamente inconstante e profunda. Essas diferenciações entre ações, identidades e agrupamentos sexuais são, geralmente utilizados pelos autores e autoras construcionistas (WEEKS, 1999).

Um movimento complementar na teoria da construção social sustenta que mesmo a orientação do desejo sexual em si, exemplificado pela hetero/homossexualidade, não é característica ou pertencente ao indivíduo, mas é sim construída. Não são todos os construcionistas que seguem este pensamento: para alguns, o direcionamento da libido e do interesse sexual é permanente, apesar da maneira comportamental que este direcionamento apropria-se de forma construída por enquadramentos culturais existentes, como também pelas experiências da pessoa e o significado social concedido a isso pelos outros (WEEKS, 1999).

No campo da sexualidade e dos gêneros, atualmente, o desafio, não é compreender que as posições tenham-se multiplicado, mas que é inconcebível apenas lidar com sexo biológico, a partir de esquemas binários (macho/fêmea, masculino/feminino, heterossexual/homossexual). A instigação maior é reconhecer que as demarcações de gênero e de orientação sexual se encontram permanentemente cruzadas e ainda é mais difícil reconhecer que o lugar social que alguns indivíduos ocupam é justamente nesta demarcação. O lugar de dúvida entre as identidades de gênero e/ou sexuais é a área que alguns indivíduos definiram para viver (LOURO, 2004).

A prática da sexualidade, união física ou a individualidade sexual não é o que caracteriza os relacionamentos afetivos. A individualidade ou a diversidade da

sexualidade do casal pode apresentar diferentes relações. Assim, o mais correto seria mencionar os termos relacionamentos heteroafetivos ou homoafetivos do que vínculos heterossexuais ou homossexuais. Independente da orientação sexual que se possua, todas as pessoas são iguais diante da lei, sem separação de qualquer espécie. Os vínculos sociais estão em movimento, por isso a importância de analisar também a partir da compreensão jurídica contemporânea, que se apresenta no momento da atualidade (DIAS, 2007).

A sociedade que se declara apoiadora da igualdade é a própria que se posiciona de forma preconceituosa aos conteúdos da sexualidade, sendo visível à desaprovação social à liberdade da orientação sexual. A homossexualidade resiste ao tempo, mas é dotada de descrédito social, ficando a mercê do ódio e da marginalidade pelo fato de se diferenciar dos padrões tradicionais seguidos. Por se tratar de uma realidade da trivialidade, o que não se enquadra nos modelos, é compreendido como escabroso ou estranho à moral, sem a procura da assimilação de seu princípio corpóreo, social ou de conduta (DIAS, 2000).

Aprende-se a viver a sexualidade e o gênero na cultura, através dos discursos repetidos das normas, das regras, da mídia, da igreja, da ciência e também, contemporaneamente, inclusive nos discursos dos movimentos sociais e dos meios tecnológicos. Aprende-se também nas diversificadas formas de dar e receber afeto, como vivências do desejo, prazer e amor, que variam de cultura para cultura, de criação para criação. Atualmente, estas formas se intensificaram e se expandiram, em se tratando também das possibilidades de viver as sexualidades e os gêneros. Sendo incerto, deslumbrante, abundante e até desestruturador. Mas o modo de cada indivíduo lidar com isto é, encarar a contemporaneidade e vivê-la (LOURO, 2008).

2.2 O direito à Sexualidade

A família é a categoria pertinente do Direito, da qual sua aparição encontra-se sustentação no Direito de Família, com a denominação do livro IV do Código Civil Brasileiro, englobando vastos artigos, que são do 1.511 ao 2.027 (BRASIL, 2002). Na descrição legal, entende-se, e deve ser interpretada com base nos seguintes princípios constitucionais: igualdade - sanciona a equidade de intervenção de forma integral; liberdade - fundamenta a autonomia de escolha do cônjuge; pluralismo das organizações familiares - expandiu-se a caracterização de família, a partir da

Constituição Federal de 1988; efetividade: o que é de interesse no relacionamento familiar, não sendo mais importante as questões de aspecto biológico ou sexual, e sim o afeto que contém (LOUZADA, 2011).

Sabe-se que o conceito de família dentro do contexto social e histórico está em mutação constante. A instituição familiar de acordo com as mudanças do meio em que está introduzida, se adequa as atuais concepções e condutas contidas em cada localidade e época (MARANHÃO, 2011). No entanto, ainda que mutável, a família a todo o momento fez parte da existência do homem em sociedade, o qual nasce, vive e morre em uma família. Assim sendo, a conceitualização de família apresenta continuamente em estruturação, encontrando-se instigada pelas transformações sociais que acontece constantemente (FERNANDES, 2004).

A sexualidade abrange a respectiva conjuntura humana. É também um direito primordial que cerca o ser humano desde sua origem, pois acontece especificamente em seu meio, dado que é um direito humano, inerente, intransferível e irrevogável. Nenhuma pessoa realiza-se como ser humano, não sendo garantido a consideração da sua sexualidade, concepção que alcança a autonomia sexual, incluindo a liberdade irrestrita da orientação sexual. Portanto, a sexualidade é um componente da vida humana e envolve a dignidade do sujeito. Toda pessoa tem o direito de requisitar respeito à liberdade de expressar sua sexualidade. Não tendo esta autonomia o ser humano não obtém realização, assim como também ocorre quando é impedido de suas outras liberdades e seus direitos principais (DIAS, 2007).

2.3 A Religião evangélica pentecostal/neopentecostal e seus aspectos

Segundo dados do IBGE (2010), a religião evangélica foi a que mais cresceu no Brasil. No ano de 2000, eles caracterizam 15,4% da população como evangélicos. Já no ano de 2010, representam a 22,2%, ou seja, um acréscimo de 16 milhões de pessoas (cerca de 26,2 milhões para 42,3 milhões). No ano de 1991, os evangélicos representavam 9,0% e em 1980 eram 6,6%. Referente aos que disseram ser evangélicos, 60,0% seguem princípios pentecostais, 18,5% evangélicos de missão, e ainda 21,8% são evangélicos sem determinação.

O pentecostalismo surgiu no fim da década de 1960 e no começo da década 1970, apresentando como potência a Igreja Universal do Reino de Deus criada em

1977, sendo esta a representante do pentecostalismo que mais se amplia no Brasil atualmente. O pentecostalismo no Brasil abrange “três ondas” da movimentação pentecostal sendo que na terceira onda surgiu, o movimento neopentecostal que, representa a maior demonstração da religião evangélica no Brasil e do mundo. Na contemporaneidade, várias igrejas tentam desvincular do estereótipo de neopentecostais pelo fato do destaque dado a esta vertente à teologia da prosperidade, ou melhor, o ponto financeiro. Neste sentido, elas têm utilizado alternativas que buscam um relacionamento mais íntimo com o público, por meio de programas internos na igreja, que atendem diversas demandas e públicos. Deixando então o pentecostalismo de ser uma religião apenas de camadas mais populares e adentrando também a classe média (PICOLOTTO, 2016).

As instituições religiosas deslocaram-se para um local de existência social, onde um conjunto anteriormente excluído socialmente ganhou um sentimento de pertencimento. Além do mais, a intervenção religiosa como IURD – Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, amplia por diversificados meios, como pela política, comunicação, assistência social e até pelas vendas de produtos religiosos (GALLO, 2013).

A religião no Brasil é diversificada, especificamente ainda entre os cristãos, sendo um debate extenso e universal que alcance a completude do fato religioso em suas inúmeras ligações sociais. Referindo-se a religião como fato construído, mas também formado pela existência social, torna-se necessário entender como essa assegura ou rejeita a condição mediante as teologias, pregações e instruções, isto é, como acontece à divulgação do olhar do ponto de vista religioso para a pessoa que crê ou aprecia/concorda com o discurso dos líderes religiosos (MORAIS e LANZA, 2013).

Todavia, o âmbito religioso também está em contínuo meio de transição, e, simultaneamente, os princípios religiosos são reconstituídos, e estes vão sendo colocados em ação. De outro modo, aumentam radicalismos e tradicionalismos que reproduzem a homoafetividade como uma “ameaça” à coletividade (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009). Entretanto, também crescem as instituições religiosas inclusivas, nas quais uma atual interpretação dos textos bíblicos tem sustentado, por exemplo, o consentimento religioso das homossexualidades (JESUS, 2012). Dessa forma o pluralismo religioso existente no Brasil, referente à demonstração pública das

crenças religiosas, tem domínio cristão e determinado através de suas concepções tradicionais e remotas sobre sexualidade e gênero (FERNANDES, 2013).

3 METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, retirado de sites forenses e acadêmicos, como *IBDFAM*, *Scielo* além da Constituição e/ou Legislação Jurídica, com a finalidade de pesquisar e compreender os conteúdos sobre o tema homoafetividade/homossexualidade. Em um segundo momento, foi descrito na íntegra, a fala de líderes religiosos evangélicos pentecostais e neopentecostais, através da transcrição de vídeos do site de compartilhamento *YouTube*, buscando identificar o posicionamento religioso e sua influência na questão. Os conhecimentos teóricos e documentais decorrentes da pesquisa colaboraram para fundamentar e identificar as características que possuem as falas religiosas e o impasse com o direito a respeito da homoafetividade.

INFORMAÇÕES DOS VÍDEOS ANALISADOS
<p>Vídeo 1: Culto do Pr. Silas Malafaia – Homossexualidade Pastor do segmento evangélico pentecostal, da Igreja Assembléia de Deus Vitória em Cristo Link: https://www.youtube.com/watch?v=v-6a7bMSOwc Duração: 1:08:08 Postado em 2013 Visualizações: 6,9 mil</p>
<p>Vídeo 2: Marco Feliciano x Felipe Neto – Debate sem cortes Pastor do segmento religioso evangélico pentecostal, da Igreja Assembléia de Deus – Catedral do Avivamento Link: https://www.youtube.com/watch?v=EBtUZbo_wLs Duração: 1:39:47 Postado em 2016 Visualizações: 635 mil</p>
<p>Vídeo 3: Bispo Edir Macedo fala sobre os homossexuais - LGBT Bispo, segmento evangélico neopentecostal, fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD Link: https://www.youtube.com/watch?v=giwd5ohFEuc&t=1657s Duração: 35:31 Postado em 12/06/2015 Visualizações: 44 mil</p>

Quadro 1: Vídeos analisados

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para a construção desse artigo foi realizada uma pesquisa de natureza descritiva, que, segundo Gill (2002), tem como propósito a descrição de características de uma categoria particular ou fenômeno ou, mesmo, o reconhecimento, e estabelecimento de relações entre objetos e variáveis.

Quanto aos fins foi de abordagem qualitativa, visto que focou no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando suas particularidades e experiências. Considera-se uma relação entre o mundo concreto e o sujeito, isto é, uma conexão inseparável entre o mundo lógico e o privado do indivíduo que não pode ser traduzida em números (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O procedimento técnico utilizado nesta pesquisa tem caráter documental, visto que este tipo de pesquisa como menciona Gill (2002), constitui-se de material que ainda não ganhou trato crítico e minucioso, ou que ainda possa ser recriado conforme o objeto de estudo. Foram selecionados três líderes religiosos conhecidos e influentes em diversificados espaços, inclusive na mídia por diferentes meios sendo do segmento da religião evangélica pentecostais e neopentecostais. Esta escolha deve-se ao número significativo de adeptos e a grande influência que esta religião apresenta desde o âmbito político, social e cultural dos brasileiros. Os vídeos selecionados foram definidos de acordo com o tema desta pesquisa, do considerável número de visualizações e pela influência do líder religioso na mídia.

Os vídeos analisados foram transcritos na íntegra e analisados de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos de Laurence Bardin. A análise de conteúdo é um método de apuração que tem por função o detalhamento objetivo, ordenado e total do conteúdo exposto da comunicação (BARDIN, 1977).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos vídeos analisados, foi possível verificar a postura que os pastores evangélicos apresentam, mantendo uma posição de possuidores do conhecimento e de argumentações em relação ao tema. Apresentando grandes influências no que diz respeito a: (a) popularidade, na mídia e/ou na política, apresentando discursos que consideram uma forma única de entendimento e de conhecimentos; (b) representantes dos fiéis evangélicos da sociedade; (c) a liberdade de expressão, tendo o direito de expor sua opinião garantido por lei, não considerando seus discursos como homofóbicos. Dessa forma, utilizam-se da Bíblia e da Constituição

fazendo interpretações, e disseminando estas interpretações de como seus seguidores devem agir. Abaixo segue as categorias encontradas e os autores utilizados.

CATEGORIZAÇÃO	AUTORES
1ª “Eu apresento dados que são verdade e vindos do conhecimento”	Mesquita; Perucchi (2016); Morais e Lanza (2013); Gallo (2013).
2ª “Representantes dos fiéis evangélicos da sociedade”	IBGE (2010); Gallo (2013).
3ª “Não é homofobia”, é livre expressão de opinião”	Dias (2007).

Quadro 2: Categorias identificadas e autores utilizados

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

4.1 “EU APRESENTO DADOS QUE SÃO VERDADE E VINDOS DO CONHECIMENTO”

O que se observa no cenário brasileiro religioso em grande parte é que há um controle das expressões ligadas à sexualidade, procurando condutas ou normas que devem ou não ser seguidas por seus adeptos. Tal controle é manifesto de forma falada sobre a homossexualidade, por exemplo, em mensagens de conhecimento de teor religioso, relativo às “ciências”, dentre outros, repetida vezes categorizando, colocando ordem às sexualidades e desprezando as formas que não são padrões de sexualidades e orientações sexuais (MESQUITA; PERUCCHI, 2016). O que se pode notar no discurso dos líderes de denominação cristã evangélica neopentecostais e pentecostais:

“Não há nenhuma prova científica da homossexualidade, a teologia e a ciência acredita que fez macho e fêmea”. (Silas Malafaia)

“Onde vai parar a sociedade se legalizar tudo. A área das humanas fala que: quanto mais legalizar tudo, mais o ser humano se torna insaciável. E perde a noção de princípios, perde referência”. (Silas Malafaia)

“Ora na época de Jesus não havia homossexual, havia. Não havia lésbica, havia. Não havia bandido, havia. Não havia corrupto, havia. Havia tudo quanto é tipo de gente. Bons e maus. Mas Jesus nunca levantou nenhuma bandeira contra homossexuais nem contra lésbicas, nem contra prostitutas,

nem contra ninguém. Ele disse: eu não vim julgar, eu vim para ajudar, para salvar. Os sãos não precisam de médico, mas os doentes”. (Edir Macedo)

“Cientificamente que trago nesse debate é sobre a psicologia. E a psicologia disse como era no princípio no Brasil e depois ela foi tomada”. (Marco Feliciano)

Pela ótica das Ciências Sociais, tanto o estudo quanto os princípios de entidades religiosas são resultados dos quadros sociais e históricos levadas ao desenvolvimento. Contudo, as autoridades religiosas também são indivíduos, que opinam e instigam paralisações ou transformações políticas e sociais, dado que as organizações religiosas recomendam seus frequentadores determinado modelo de comportamento particular e público (MORAIS e LANZA, 2013). O que se apresenta nas falas:

“Jesus respondia as perguntas de quem cruzava no caminho dele, e outras coisas não precisam dele falar para nós, que nós entendemos como funciona. Quem entende um pouquinho de vida, de ser humano, quem entende um pouco de psicologia e gestão de governo”. (Marco Feliciano)

“Você conhece muitos homossexuais, eu conheço inúmeros. Eu já tive pelo menos com uns cinco mil, que vieram falar comigo nessa minha existência de 43 anos. Desses cinco mil, e eu falo aqui sem ser leviano, sem ser mentiroso, Deus é minha testemunha. Desses cinco mil, 90% deles passaram por abuso sexual na sua infância. Foram abusados por algum adulto. 90%! Os outros 10% que sobraram tiveram transtornos com a figura do pai, com a figura da mãe. Estou dizendo o que eu vi. Que eu tratei, que eu conversei, por exemplo, sobre livros que eu li. (Marco Feliciano)

“Eu não vejo na bíblia, ninguém se levantando contra os homossexuais porque eles são almas, eles precisam tanto quanto tantas outras pessoas que não são homossexuais, portanto eu não estou defendendo os homossexuais, nem os condenando, nós estamos fazendo apenas o nosso trabalho. Levando a palavra de fé. A fé que salva, que liberta, que transforma, essa é a postura da igreja universal do reino de Deus”. (Edir Macedo)

Os cultos da IURD - Igreja Universal do Reino de Deus se direcionam nos sofrimentos diários. Adentrando na vida social dos indivíduos que a pratica, nos problemas e embates, de tal forma que aliviam as preocupações humanas. A falta de sentido no dia a dia faz com que as pessoas procurem se preencher dentro da religião. Pessoas da sociedade obtém algum lugar na igreja, como obreiros, pastores, missionários, proporcionando a reconstituição da sua personalidade, com base na religião (GALLO, 2013) e com isto reproduzem os posicionamentos que são impostos a eles, como pode acontecer, por exemplo, com a homossexualidade.

4.2 “REPRESENTANTES DOS FIÉIS EVANGÉLICOS DA SOCIEDADE”

O crescimento das igrejas evangélicas é significativo, tanto que hoje elas se destacam como as instituições que mais se expandem no país e apresentam forte influência na nossa sociedade, o que se mostra no referencial teórico a partir dos dados do IBGE 2010 já citados neste estudo.

O pastor é que representa Deus e os seus fiéis, portanto, tem a responsabilidade de crer devotamente em suas leis e nas suas palavras (GALLO, 2013). Por interpretarem a bíblia e obterem uma posição de destaque na igreja, além dos estudos e conhecimentos diversos que possuem em seus discursos, os líderes religiosos, passam estas informações aos seus adeptos, passando credibilidade e estes tendo uma posição de porta-vozes do público evangélico, visto que quem frequenta a igreja ou escuta o que eles dizem concordam com suas ideias.

“Porque as lutas que vieram contra mim, não vieram enquanto eu pastor. Por que enquanto eu pastor eu preguei no mundo todo, eu falei em 80 países, eu tenho 20 livros escritos, tenho 20 milhões de dvd’s esparramados e 4 milhões de seguidores no Facebook, como pastor. Ninguém nunca questionou o meu posicionamento como pastor, foi colocar os pés aqui na Câmara. Então eu fui jogado e vendido pela mídia como deputado. Então a questão dos meus posicionamentos, são como deputado”. (Marco Feliciano)

“Se todo ser humano busca algo divino não importa o nome, porque não dá a eles então, o norte, se a gente pode ensinar”. (Marco Feliciano)

“O que deveria acontecer no mundo hoje, as igrejas serem protegidas com os pensamentos delas, e a sociedade ser protegida com os pensamentos dela. Um não interferir no outro, acontecendo isso acabou os problemas. Veja eu não me importo exatamente nada se duas pessoas se amam, sendo dois homens ou duas mulheres, não me importo, isso não diz respeito a mim, me importa quando eu fico chocado quando eu tô perto de criança, as crianças que ficam chocadas”. (Marco Feliciano)

“Eu fui representado por esse povo, então eu falo por esse povo, esse povo entende que, o que eu falei, se a união civil for aprovada, vai ser aprovado o casamento, se aprovar o casamento naquele pensamento já foi aprovada a união civil, pode colocar em risco a sacralidade das igrejas e pode colocar em risco outra coisa que nós não aceitamos que é adoção de crianças”. (Marco Feliciano)

“É a postura de que o meu Senhor Jesus faria se estivesse no meu lugar, eu tenho certeza absoluta disso. É a minha fé, é a nossa fé, portanto meu amigo e minha amiga ouvinte, a fé olha pra frente, a fé não levanta bandeiras de críticas, de censuras, a fé não levanta nenhuma bandeira contra a, b ou c. A fé levanta a bandeira da salvação”. (Edir Macedo)

4.3 “NÃO É HOMOFOBIA, É LIVRE EXPRESSÃO DE OPINIÃO”

A homossexualidade continua a existir, sendo uma realidade que se institui, portanto é digna do amparo forense. A marca do preconceito não consegue justificar que uma situação social condene as implicações jurídicas. Em relação ao próprio preconceito, buscam eliminar a homossexualidade do direito. Mas é incontestável na relação dos direitos humanos básicos, como significante de um direito intrínseco que é colocado em todas as categorias, uma vez que conjuntamente é um direito particular, social e generalizado (DIAS, 2007). No entanto percebe-se no discurso destes pastores a ideia da exclusão da homoafetividade, e uma naturalização dessa posição sem o comprometimento legal com o que é dito:

“A homossexualidade na palavra de Deus e da teologia é uma rebelião consciente. Contra a ordem divina da criação. É uma distorção da imagem de Deus, porque Deus fez macho e fêmea, não bissexuais ou andrógenos. E quando a bíblia trata da homossexualidade ela trata na questão de erro. Pecado, perversão moral. Tanto no antigo como no novo testamento”. (Silas Malafaia)

“A bíblia toda, toda vez que aparecia um caso de homossexualidade, o assunto é terminado de maneira abrupta. É algo que se chama, a bíblia chama de abominação. É algo que não há nem discussão. É a perversão da natureza, como ela foi feita”. (Marco Feliciano)

“A bíblia sagrada e o cristianismo em um ponto pacífico sobre, a homoafetividade e os homossexuais é vista como pecado e ponto final”. (Marco Feliciano)

“Então minha amiga e meu amigo ouvinte, eu não sou contra os movimentos cristãos, as passeatas cristãs ou as passeatas homossexuais, eu não tenho nada contra, nem nada a favor”. (Edir Macedo)

É preconceituoso julgar a viabilidade de autenticação das uniões estáveis homossexuais. São uniões que aparecem a partir de vínculo afetivo, concebendo o enlace de vidas com divisões de caráter pessoal e de bens, sendo para exigir uma legislação jurídica. Identificar juridicamente improváveis atos que tenham como princípio uniões homossexuais é postergar acontecimentos presentes à ocultação e causar a aplicação de injustiças e engrandecimento sem motivo (DIAS, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas apresentadas nos vídeos analisados na pesquisa confirmam as informações que se encontram nos estudos bibliográficos, no que diz respeito, a interferência, influência e intolerância de alguns líderes religiosos de determinados segmentos evangélicos, em se tratando da temática homoafetividade. A religião no Brasil é diversificada, especificamente ainda entre os cristãos, sendo um debate extenso e universal que alcança a completude do fato religioso em suas inúmeras ligações sociais.

Os conteúdos analisados dos vídeos pesquisados apresentaram que através das falas destes pastores a homossexualidade se apresenta como algo perverso e inadequado, além de outros termos pejorativos utilizados, posicionamento que ainda se faz presente mesmo com as mudanças contemporâneas relacionadas aos temas que envolvem tanto o ordenamento jurídico/legal quanto o médico. Entretanto, destaca-se que a presente pesquisa limitou-se por abranger falas de somente três pastores, que apesar de conhecidos e influentes, não representam o posicionamento consensual sobre a homoafetividade/heteroafetividade de todo segmento religioso escolhido para este estudo.

Este trabalho e as falas analisadas foram apenas um estudo incidente para futuras pesquisas que desenvolvam mais sobre o tema, fazendo um aprofundamento incluindo e considerando mais dados. Além de adentrar mais no embasamento teórico e científico sobre o assunto, que possui pouca exploração e debate na área da Psicologia. Uma pesquisa de campo e/ou exploratória poderia ser uma sugestão para que se acesse diretamente o público religioso e LGBTQ+ relatado neste trabalho.

As bibliografias encontradas foram de mais de cinco anos atrás, devido a escassez de pesquisas consistentes sobre este assunto. O tempo para a realização da pesquisa também se mostrou curto para aprofundamento deste tema, como também o limite de páginas permitidas para esta pesquisa. Portanto, sugere-se para trabalhos futuros a realização de pesquisas baseadas em uma análise de campo ou com mais dados a serem analisados, com conteúdos divulgados nas mídias e redes sociais, o que seria enriquecedor para a sociedade e para as ciências humanas e sociais. Como também abranger a área de saúde, estudos científicos e sobre a comunidade LGBTQ+.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023:2018, Informação e documentação - Referências - Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo** (Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro). 3ª reimp. da 1ª ed. de 2016. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 08 de out. 2019.

DIAS, M. B. **Homoafetividade e o direito a diferença**. Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_633\)26__homoafetividade_e_o_direito_a_diferenca.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_633)26__homoafetividade_e_o_direito_a_diferenca.pdf)>. 2000. Acesso em: 11 de out. de 2019. In: **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000

DIAS, M. B. **Homoafetividade e o direito à diferença. Instituto Brasileiro de Direito da Família**. 2007. Disponível em: <<http://www.ibdfam.org.br/artigos/327/Homoafetividade+e+o+direito+%C3%A0+diferen%C3%A7a>>. Acesso em: 07 de out. 2019.

FERNANDES, F. B. M. A. **Agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95612/295067.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 de mai. de 2019.

FERNANDES, F. B. M. Assassinatos de travestis e pais de santo no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em debate**, v. 37, n. 98, jul./set., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a12v37n98.pdf>>. Acesso em: 27 de mai. de 2019.

FERNANDES, T. R. **União Homossexuais: efeitos jurídicos**. São Paulo: Método, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade, V. 1: A vontade do saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALLO, F. V. Fabio [et al.]... e organizadores. **Cultura e Religiões na contemporaneidade**. Londrina: UEL, 2013. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/Ebook%20%20-%20culturaereligioses%20\(9\).pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/Ebook%20%20-%20culturaereligioses%20(9).pdf)>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE, 2010. **Censo 2010: Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião.** Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 08 de out. de 2019.

JESUS, F. W. **Unindo a cruz e o arco-íris: Vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100558/308807.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 de mai. de 2019.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, mai./ago., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 05 de jun. de 2019.

LOUZADA, A. M. G. **Evolução do conceito de família.** 2011. Disponível em: <https://www.amagis.org.br/images/Artigos/Evolucao_do_conceito_de_familia.pdf>. Acesso em: 07 de out. de 2019.

MARANHÃO, G. **Relações homoafetivas: uniões de afeto.** 2011. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/_img/artigos/Rela%C3%A7%C3%B5es%20homoafetivas:uni%C3%B5es%20de%20afeto.pdf>. Acesso em: 11 de out. de 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MESQUITA, D. T.; PERUCCHI, J. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n1/1807-0310-psoc-28-01-00105.pdf>>. Acesso em: 28 de abr. de 2019.

MORAIS, E. E.; LANZA, F; Fabio [et al.]... e organizadores. **Cultura e Religiões na contemporaneidade.** Londrina: UEL, 2013. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/Ebook%20%20-%20culturaereligioes%20\(9\).pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/Ebook%20%20-%20culturaereligioes%20(9).pdf)>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

NATIVIDADE, M. OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Revista Latino Americana**, n. 2, ISSN: 1984-6487, 2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32>>. Acesso em: 28 de mai. de 2019.

PICOLOTTO, M. R. 2016. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Revista Contraponto**, v. 3, n. 1, 2016. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741>>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, G. S., PAIVA, V., & PARKER, R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface – comunicação, saúde, educação**, v. 17, n. 44, jan./mar., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v17n44/a09v17n44.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. de 2019.

WEEKS, J.; LOURO, G. L.; BRITZMAN, D.; HOOKS, B.; PARKER, R.; BUTLER, J. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.